

Representações da Independência na literatura brasileira: identidades políticas coletivas e imagens do Brasil e dos brasileiros, século XIX – XXI

Sheila Virginia Castro¹¹¹

Resumo: Neste artigo é possível acompanhar o modo como as identidades políticas coletivas foram tratadas nas obras literárias que fazem parte do *corpus* da pesquisa desenvolvida em minha dissertação de mestrado. Além disso, também serão abordadas as representações de imagens e visões do Brasil e dos brasileiros encontradas, muitas das quais atravessaram séculos e perduram até os dias atuais. A linha condutora da análise é a noção de uma *cultura de história* e o recorte de longa duração, com obras literárias dos séculos XIX-XXI. Dessa maneira, é possível perceber possíveis transformações e/ou reiteraões das representações da Independência, neste artigo, especificamente, das identidades políticas coletivas e imagens construídas do Brasil e dos brasileiros ao longo do tempo, elaboradas nas obras literárias.

Introdução

Este artigo é um recorte de minha dissertação de mestrado em que analisei as representações da Independência na literatura brasileira numa abordagem de longa duração: do século XIX ao XXI. O intuito, com isso, foi perceber se ocorreram transformações ou reiteraões dessas representações. Assim, o objetivo era entender o que aconteceu, ou o que fizeram com a história da Independência.

Obras literárias podem apresentar um olhar, uma representação da história a partir da qual os leitores farão a interpretação conforme o aporte de saberes e cultura que possuem. Torna-se relevante, dessa forma, o repertório de conhecimentos e experiências que os leitores dispõem e que influenciará na leitura e sentido que essa receberá, portanto, que condicionará o potencial de suas representações. Assim, é importante salientar que um mesmo leitor poderá realizar

111 Mestre em História Social pela Universidade de São Paulo (USP), com a dissertação “As representações da Independência na literatura brasileira, séculos XIX – XXI” que contou com fomento de bolsa CAPES.

leituras diversas de uma mesma obra. Como Umberto Eco aponta, essa variação de leituras e possíveis interpretações por um mesmo sujeito ocorre pois seu conjunto de conhecimentos está em transformação constante. (Umberto ECO, 1968, p.40-41)

Julio Pimentel destaca ainda uma abordagem de Umberto Eco, em *Obra aberta*, sobre a pertinência da ideia de contaminação entre ficcionalidade e representação da realidade. Pimentel sublinha o compromisso distinto de obras ficcionais e históricas. Entretanto, ressalta que “em nossas leituras, o lugar de representação da realidade e o espaço de ficcionalização, a despeito dos compromissos desiguais assumidos por um e por outro, perdem limites e realizam interferências recíprocas.” (Júlio Pimentel PINTO, 2001, P.47) Nesse sentido, as obras literárias são consideradas como um importante objeto para a análise de uma cultura de história e de representações da Independência.

Nessa análise, considero que as representações da história se apresentam em obras literárias através da mimese. Assim, essas representações miméticas da história, que ocorrem pela refiguração da experiência e do tempo através de enredos e narrativas, são possíveis devido a familiaridade que os leitores possuem dessa experiência, que se insere numa narrativa já conhecida - aqui a da Independência do Brasil - que faz parte de uma memória coletiva nacional. É Paul Ricoeur que concebe a mimese como a mediação entre tempo e narrativa, que se completa no ato de leitura, momento em que ocorre a “refiguração do mundo da ação” através do enredo. (Paul RICOEUR, 1994, p.118).

No conjunto de objetos analisados na dissertação temos gêneros literários variados, que alcançam públicos diversificados. Assim, foram analisadas 3 epopeias do século XIX, 7 romances dos três séculos; 1 conjunto de poesias do modernismo, de Murilo Mendes (século XX) e 1 cordel (século XXI).

A linha condutora de minha pesquisa é a noção de uma *cultura de história* no Brasil que corresponde aos modos que uma sociedade se relaciona com sua história em múltiplos aspectos. De forma mais detalhada, pode ser entendida “como um conjunto de atitudes e valores que se expressam em noções, concepções, representações, conceptualizações, interdições e outras posturas, de uma determinada sociedade em relação ao seu passado que pode ser considerado coletivo”. (PIMENTA, ATTI, CASTRO, DIMAMBRO, LANA, PUPO, VIEIRA, 2014,

p.6)¹¹² Posturas de silenciamentos e negações da história também são consideradas pois podem indicar uma relação conflitiva da sociedade com seu passado.

Mas como História, literatura e cultura de história se relacionam?

O tema da Independência faz parte de uma memória coletiva sobre a formação do Estado e Nação brasileiros, dessa forma, desde muito cedo os brasileiros possuem pelo menos alguma ideia sobre a Independência, com maior ou menor grau de entendimento e profundidade, visto que há feriados e comemorações cívicas em torno da data, além de produções muito diversas em outros suportes culturais, tais como minisséries, filmes, revistas, vídeos da Internet e televisão, que abordam o tema. Além, de fazer parte do ensino básico no Brasil. E a literatura, como já apontado por Antonio Candido (1988) é um importante elemento da cultura, pois além de ser uma forma de expressão, é uma maneira de conhecimento, inclusive com incorporação difusa e inconsciente. Assim, entendo que de alguma forma, as representações concebidas nas obras literárias expressem concepções e ideias da história, mesmo de forma não intencional pelos escritores, pois estes também estão imersos nessa cultura de história.

Identidades políticas coletivas no Brasil do século XIX

Atualmente já é tema esclarecido na historiografia que haviam múltiplas identidades políticas no Brasil no período da Independência. E se hoje não há dúvidas quanto ao uso do vocábulo “brasileiro(s)” quando se fala ou se escreve sobre os sujeitos ou cidadãos que nasceram no Brasil, no que se refere a produção de textos que representem a primeira metade do século XIX, como esse aspecto aparece?

Algumas obras trabalharam essa dimensão observando as várias nuances que se manifestavam no Brasil no período da Independência. Assim, encontramos menções a brasileiros, a portugueses, aos baianos, aos pernambucanos, aos paulistas, entre outras, de forma a iluminar a questão das identidades políticas coletivas no período.

112 Este artigo foi fruto de uma pesquisa da qual participei, e que analisou a relação atual da sociedade brasileira com a história, especificamente com a história da Independência do Brasil. Neste artigo, trabalhamos preliminarmente com a noção de “cultura de história”, além de proceder à sondagem de opinião pública através de questionários e análise de fontes complementares como filmes, minisséries televisivas, vídeos do Youtube, revistas de história, livros didáticos e romances históricos).

No escopo dos objetos analisados em minha dissertação de mestrado, o tema das identidades políticas coletivas é explorado nas seguintes obras:

Paraguassu: Epopeia da Guerra da Independência na Bahia, escrita e originalmente publicada por Ladislau dos Santos Titara em 2 tomos, o Tomo I em 1835 e o Tomo II em 1837¹¹³. O trabalho de Titara possui uma característica distinta pois trabalha com história e ficção, mesclando o relato histórico vivido, ou seja, o relato concebido a partir da participação do autor nas batalhas contra os portugueses integrando o exército baiano; - aspecto que o diferencia das demais epopeias aqui analisadas – e referências de documentos, como jornais e aclamações feitas na época no paratexto, incorporando na elaboração da narrativa as bases da epopeia com referências mitológicas e fantasiosas com o inserção de sonhos, deuses e visões no poema.

Viva o povo Brasileiro, de João Ubaldo Ribeiro, é um romance publicado originalmente em 1984. Contém muitos personagens e possui uma extensão cronológica longa, começando no século XVII (1647) e se prolongando até o século XX (1977), totalizando 20 capítulos. Não há uma ordem cronológica rigorosa, uma vez que a narrativa se desenvolve por blocos, entre idas e vindas de anos próximos. Assim, o livro passa por vários momentos da história do Brasil.

O romance de Ruy Castro, *Era no Tempo do rei. Romance da Chegada da Corte*, foi publicado em 2007. O livro foi escrito como forma de homenagear Manuel Antônio de Almeida, utilizando a frase de abertura de *Memórias de um sargento de milícias* como título, e também toma dele emprestados alguns personagens, como o menino Leonardo, Vidigal, o compadre (padrinho de Leonardo), e Luisinha. Assim acompanhamos as aventuras do menino Leonardo que se torna amigo do infante Pedro, o futuro Imperador do Brasil.

O romance *Olhos Negros: o romance de 1817*, de Maria Cristina Cavalcanti de Albuquerque, foi publicado pela primeira vez em 2009, e através da narradora Maricotinha, conta a história da Revolução Pernambucana. E também *A noiva da revolução: o romance da República de 1817*, escrito por Paulo Santos de Oliveira e

113 Em 1973 o poema completo foi publicado em edição fac-simile pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, correspondendo ao volume VIII da coleção Brasiliensia Documenta. Essa edição foi utilizada na dissertação.

publicado em 2006. O livro também narra a história da Revolução de Pernambuco de 1817.

Em *Paraguassú*, embora não sejam utilizados versos descritivos a respeito, apenas citando o apoio que recebiam de tropas, o poeta menciona uma pluralidade de identidades, assim temos: os portugueses ou lusos; os brasileiros; os baianos e bahienses (TITARA, p. 254), os jacuipenses¹¹⁴ (TITARA, p.72), os olindanos (TITARA, p. 143); os sergipenses e também putuibeanos¹¹⁵ (TITARA, p.89); os macahenses¹¹⁶ (TITARA, p.85); também os fluminenses (TITARA, p.79), entre outras. Há o destaque da luta dos brasileiros¹¹⁷ contra os lusitanos, assim, é ressaltada a situação emergente, a luta para expulsão das tropas de Portugal da Bahia. Jancsó e Pimenta apontam que as nuances identitárias também se referiam a uma distinção não apenas regional, mas entre os portugueses da América e os da Europa, entre os portugueses da Bahia, dos portugueses paulistas, no período colonial, além dos “naturais da terra”. (JANCSÓ & PIMENTA, 2000, p.398) No momento da luta era esperado apontar o outro, o inimigo, destacando a diferença fundamental: os lusos ou lusitanos em oposição aos brasileiros ou bahienses, ou as tropas libertadoras. E além das referências enfatizando a pluralidade de identidades das províncias, e entre lusitanos e brasileiros, há também referências às identidades dos povos indígenas: Tupinambás (TITARA, p.227), Tamoyos (TITARA, p.228), Cayrirys (TITARA, p.223) e Tapajós (TITARA, p.178). Dessa maneira, no épico de Ladislau dos Santos Titara, são encontrados bons exemplos das identidades políticas existentes no período, conforme Jancsó e Pimenta (2000) demonstraram.

Em *Viva o povo brasileiro* (1984) as nuances identitárias são trabalhadas com o personagem Perilo Ambrósio, e aparece não apenas a distinção de nascença mas de consideração. Perilo Ambrósio era filho de portugueses, nascera em Portugal, assim como seus pais e irmãs mas foi expulso de casa pelo pai. Ele é um personagem importante no romance, e tipifica os senhores de escravos e uma classe dominante. Foi alçado ao *status* de herói da Independência e da Bahia através de uma farsa. Nas lutas entre lusos e brasileiros em Pirajá em novembro de

114 Em nota o autor esclarece que Jacuipenses são os baianos “assim chamados do Rio Jacuibe”.

115 Ver nota 3 na referida página, putuibeanos se refere aos de Sergipe também.

116 Na nota da referida página o autor esclarece que são os naturais do Rio de Janeiro, em razão do Rio Macaé.

117 O autor utiliza o vocábulo “brasileiros”. Ibidem, p.142.

1822, Perilo Ambrósio se mantém afastado do campo de batalha e fica observando. Estava acompanhado dos cativos Inocêncio e Feliciano. Vendo que se aproximava o batalhão dos brasileiros, arma uma farsa. Assassina Inocêncio, se suja com seu sangue para simular ferimentos em batalha e se apresenta ao comandante brasileiro escorado em Feliciano. Ao fim das lutas foi premiado com o título de barão. Vira o barão de Pirapuama, dono de muitas terras, propriedades e negócios na região do Recôncavo baiano, se tornando muito reconhecido e com muita influência política na região. Socialmente era muito respeitado. Mas para que nunca ninguém soubesse o que de fato havia ocorrido naquele dia, mandou cortar a língua de Feliciano, que foi testemunha. Era muito cruel e sádico com os cativos. (João Ubaldo RIBEIRO, p.37-44)

Na farsa que armou em campo de batalha, ao encontrar o comandante brasileiro e este lhe pergunta se é português, Perilo Ambrósio responde:

- Sim, meu comandante, foi Portugal onde primeiro vi a luz e entre portugueses fui criado, pois que o são meu pai e minha mãe, como não de ser também os vossos maiores. Mas, se lá vi a luz, cá no Brasil foi que vi a vida... Meu pai, sim, muito infelizmente se alia à causa do opressor e isto me parte o coração, sendo eu brasileiro mais que por presença aqui, senão porque me sinto tão nativo a estas terras quanto as árvores e os bosques. (João Ubaldo RIBEIRO, p.42)

Que não se iluda o leitor, pois a fala é tão falsa quanto seu ato de heroísmo. Momentos antes o narrador esclarecia:

“Se queria que os brasileiros prevalecessem, não era por ser brasileiro – e na verdade se considerava português -, mas expulso de casa, abominado pelos pais e por todos os parentes, sob ameaça de deserção, deliberara adquirir fama de combatente ao lado dos revoltosos.” (João Ubaldo RIBEIRO, p.40)

No caso do personagem, o pertencimento variava conforme seus interesses, era dissimulado e oportunista. Entretanto, a sua origem e comportamento iluminam um pouco o complexo aspecto de identidades do período. Em outra passagem quando o narrador descreve sobre como Perilo Ambrósio entrou para o ramo comercial, através do trapiche do sogro, o “*português brasileiro*, Afonso Soares Matinho de Almeida”. (grifos meus) (João Ubaldo RIBEIRO, p.72) Aqui já se delinea

de forma mais clara, trata-se do português da América. Assim, na obra de João Ubaldo Ribeiro as identidade de nascença e consideração parecem convergir com as delicadas nuances que se delineavam no período, conforme apontaram Jancsó e Pimenta (2000).

Em *Olhos Negros* (2009), temos a identidade política dos revolucionários pernambucanos como *patriota(s)* e a província tida como a *pátria*. Há ainda outra abordagem sobre identidades no romance, quem explica à narradora Maricotinha é Muniz Tavares. Muniz Tavares participou da revolução de Pernambuco de 1817, foi preso e enviado para a Bahia, onde permaneceu até 1821. Maricotinha, a narradora é uma personagem fictícia. Muniz Tavares ressalta uma visão de identidades entre portugueses *versus* brasileiros.

Monsenhor me explicou que o povo brasileiro ainda não estava constituído. Que pouquíssimos tomavam consciência dessas questões. Havia o sentimento de pertencer a uma nacionalidade quando diante de inimigo estrangeiro. Mas não diante de Portugal, sempre visto como nossa pátria-mãe. Estavam acostumados a ser considerados portugueses. Que, apegados à ideia da monarquia, os brasileiros preferiam temer a um rei longínquo e imaginário a um irmão conhecido e próximo. (Maria Cristina C. de ALBUQUERQUE, 2017, p.236)

Em linguagem coloquial a narradora explica que a identidade do “brasileiro” ainda não estava formada, e ressalta o sentimento de pertencimento a uma “comunidade imaginada” (Benedict ANDERSON, 2008) apenas quando diante de inimigo estrangeiro. A menção à “pátria-mãe” coloca os dois lados do Reino em patamar de irmandade. Interessante que se apresente essa questão da identidade no Brasil, embora fique no plano de portugueses e brasileiros, não se fala sobre o português do reino, o português americano e os nascidos no Brasil. Muito menos em termos de um mosaico de identidades, de múltiplas identidades regionais (os paulistas, os mineiros, etc.) (JANCSÓ & PIMENTA, 2000) A identidade pernambucana era ressaltada na revolução de 1817 e utilizada de maneira política e retórica para construção de unidade e adesão à causa da revolução, se colocava a pátria pernambucana contra o rei português.

No romance de Paulo Santos de Oliveira, *A Noiva da Revolução* (2006) as identidades políticas em Pernambuco de 1817 também são abordadas a partir do

antagonismo entre brasileiros e portugueses. Na narrativa, a partir das anotações de Domingos José Martins (um dos líderes da revolução) ele se pergunta:

O que faríamos com os portugueses? ... Deveríamos tratá-los como irmãos ou despachá-los rapidamente? ... a decisão veio logo. Muitos brasileiros carregavam séculos de ódio reprimido contra os galegos. Vozes exaltadas pediam expulsão e confisco dos seus bens. Alguns queriam até exterminá-los. Mas nós, do provisório, aspiramos a paz. (...) (Paulo Santos de OLIVEIRA, p.103)

A mesma questão que surge do trecho de *Olhos Negros* (2009), aparece aqui, brasileiros (pernambucanos) e portugueses faziam parte do mesmo Reino, deveriam ser tratados como “irmãos” ou inimigos? Destaca-se o sentimento de “ódio” aos portugueses principalmente em função da situação que Pernambuco enfrentava devido a cobrança de muitos impostos, o recrutamento forçado, insatisfações que se acumularam devido a política do monarca.

Nos dois romances que tratam sobre a Revolução de Pernambuco de 1817 são empregado de maneira ostensiva o uso dos termos “brasileiros” e “portugueses”, designações que não eram empregadas em 1817. De toda forma, é possível perceber através das obras que haviam sutilezas no tratamento de identidades no período.

Se hoje a identidade dos “brasileiros” amalgama uma pluralidade de identificações, é possível perceber que essa identidade foi construída e consolidada paulatinamente, anos após a Independência. Tomadas as obras em conjunto, torna-se possível verificar que as questões identitárias eram muito complexas no século XIX, e o Brasil concentrava uma diversidade de identidades e uma pluralidade de pertencimentos, como o mosaico apresentado por István e Pimenta (2000).

Imagens dos brasileiros: estereótipos de longa duração

Para além de identidades de pertencimento, há uma identidade que faz parte de uma imagem e auto-imagem dos brasileiros, que compõe um senso comum do famoso “jeitinho brasileiro”, o “festeiro”, “o malandro”, “o bom anfitrião”, etc. Muitas dessas “imagens” dos brasileiros foram construídas ainda no Brasil colônia, a partir dos relatos dos viajantes que depois eram publicados na Europa. Como mostrou a

pesquisadora Elis Pacífico, em sua dissertação de mestrado *A construção de uma identidade nacional brasileira em visões estrangeiras (1808-1822)*, (PACÍFICO, 2015) essa visão parte de um olhar de superioridade dos que se consideravam representantes da civilização, sobre o que julgavam exótico aqui no Brasil, por ser diferente de seus costumes, que eram sua referência. Chama atenção que, se inicialmente essa foi uma construção a partir do olhar de estrangeiros, acabou sendo incorporada pelos próprios brasileiros atravessando séculos. Muitas dessas imagens permanecem até os dias atuais, como parte de uma identidade brasileira.

Assim, foram encontradas referências sobre o Brasil e os brasileiros, revelando/ilustrando essa visão e senso comum, que nada mais é que um constructo em torno da imagem do país e seu povo.

Ao contrário do que se pode imaginar, que tais concepções foram encontradas nas obras do século XX em diante, na epopeia de Teixeira e Sousa o poeta dedica alguns versos para descrever o caráter dos brasileiros:

É em geral o povo Brasileiro/ Polido, delicado, e talentoso;/ A isto acresce o dom de hospitaleiro,/ Franco, discreto, nobre e generoso;/ Fido. prudente, grato, e verdadeiro;/ Nos perigos maiores valoroso;/ Da cruel opressão sempre inimigo;/ Da Pátria, e de seus reis fiel amigo.

— Religioso em seu cristianismo/ Sente o sagrado amor da humanidade;/ Ardente em seu leal patriotismo/ Do coração detesta a crueldade;/ Infenso sempre ao torvo despotismo,/ Adora reverente a Liberdade;/ Pois não pôde sofrer jugo tirano/ O generoso peito americano! (TEIXEIRA E SOUSA, Tomo I, p.136)

Seria anacrônico apontar a contradição entre uma imagem do povo que “detesta a crueldade e despotismo”, “inimigo da opressão” (lembrando que muitas das expressões que faziam analogia ao despotismo remetiam a referências à escravidão de um povo) e que mantinha a escravidão e pregava a liberdade na retórica pela Independência. De acordo com os valores da época, não apenas da Independência mas da publicação da epopeia, isso não parecia paradoxal. Entretanto, algumas noções sobre os brasileiros já se apresentavam: o povo polido; delicado; hospitaleiro; franco; generoso; fiel, grato e religioso. A adjetivação já norteia aspectos que compõem um senso comum dos brasileiros, permanente ainda no século XXI em visões de estrangeiros e do próprio país. Além disso, como foram

apontados os aspectos de uma contradição entre a defesa da liberdade e horror a opressão, crueldade e despotismo, adentramos no plano da *cordialidade* no Brasil. Sérgio Buarque ao descrever o “homem cordial” utiliza descrição semelhante: “A lhaneza no trato, a hospitalidade, a generosidade, virtudes tão gabadas por estrangeiros que nos visitam, representam, com efeito, um traço definido do caráter brasileiro...” (Sérgio Buarque de HOLANDA, 1995, p.146-147).

Em seu livro, *Raízes do Brasil*, Sérgio Buarque explica que a expressão “homem cordial” foi extraída de carta de Ribeiro Couto. O embaixador brasileiro instalado em Belgrado, Ribeiro Couto, enviou a carta ao embaixador do México no Brasil, Alfonso Reyes, quando o último fundou a revista *Monterrey: Correo Literario de Alfonso Reyes*. A carta em questão é datada de 07 de março de 1931, e foi publicada na seção “Epistolário” da edição de março de 1932, com o título: “El Hombre Cordial, producto americano”.¹¹⁸

Ironicamente, o poeta – Teixeira e Sousa – já apontava no “Argumento” do Canto III e finalizando o terceiro verso da sequência anteriormente transcrita, que trata-se de louvar o *caráter do brasileiro*. Pois já em 1847, data da respectiva publicação da epopeia, essa caracterização do brasileiro tal qual a feita por Ribeiro Couto e apontada por Sérgio Buarque do “homem cordial” encontra-se fixada na literatura brasileira. Obviamente, fazendo a ressalva que, o que é teorizado e criticado por Sérgio Buarque, é a manifestação do imaginário social e construção poética em Teixeira e Sousa. Manifestação de um senso comum em 1847, e 1931, por Teixeira e Sousa e Ribeiro Couto, respectivamente.

No romance de Ruy Castro, *Era no tempo do rei* (2007), o menino Leonardo tipifica mais um estereótipo e ideias construídas à respeito do Brasil e brasileiros: “Leonardo preferia ser como o Brasil: vagabundo, alegre, virador, esperto, sensual – e de que importava o futuro se o presente era tão generoso?”. (Ruy CASTRO, p.39)

Importante frisar, como já demonstrado, que no período tratado (a história se passa entre 1808 e 1810), a identidade de *brasileiro* não era definida, existiam muitas identidades em disputa no território. (JANCSÓ & PIMENTA, 2000) E também é importante esclarecer que essa visão do brasileiro existiu ao longo de boa parte

118 Duas décadas depois Ribeiro Couto escreveu a Reyes solicitando uma cópia da carta sobre o “homem cordial”. A última carta com a cópia podem ser encontradas no arquivo digital do Instituto Moreira Salles, de onde estas informações foram retiradas. Consulta em 08/07/2019. Site: <https://www.correioims.com.br/carta/origem-doconceito-de-homem-cordial/>

do século XIX e perdura até os dias atuais, sendo reelaborada ao longo do tempo. Elis Pacífico (2015), aponta que a relação de identidade e alteridade teve um papel importante “na medida em que a criação de juízos e conceitos realizada pelos viajantes teve algum poder prático no processo de formação nacional do Brasil.” (Elis PACÍFICO, 2015, p.134)

Pimenta [et.al., 2014) citando José Manuel Sobral, historiador dedicado ao estudo da identidade nacional portuguesa, esclarece sobre estes estereótipos atribuídos a grupos nacionais:

“esse tipo de caracterizações genéricas, de lugares-comuns sem fundamento, ou que constituem generalizações abusivas a partir de fatos pontuais, são, no entanto, importantes, porque assinalam diferenças que se julga existirem entre as nações. São um testemunho da existência destas, pois todos os grupos nacionais possuem estereótipos sobre si próprios e sobre os outros, que são inerentes à própria construção de uma identidade”. (João Paulo PIMENTA [et.al], 2014, p.7)

Sobretudo a imagem do “malandro”, do “jeitinho brasileiro”, do “povo alegre”, o “povo festivo”, “vagabundo”, etc, quantas não são as referências que ainda hoje se ouvem, tanto ditas por brasileiros quanto por estrangeiros, em referência ao povo brasileiro, e muitas, em geral, são pejorativas. Assim, o caminho de perpetuação em uma cultura de história corresponde a um olhar construído e projetado por viajantes entre os séculos XVIII – XIX que resiste ao tempo, e aparece em obras literárias dos séculos XX e XXI. Essas imagens e visões dos brasileiros, vistas a partir da alteridade (a visão do outro), também se integraram a uma auto-referenciação e uma auto-imagem do(s) brasileiro(s). São imagens, clichês, estereótipos sobre o Brasil e os brasileiros que, em maior ou menor grau, ainda se fazem presentes em muitos contextos sociais dentro e fora do país.

Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE, Maria Cristina Cavalcanti Albuquerque. *Olhos negros – O romance de 1817*. 3ª edição, Recife: Bagaço Editora, 2017.

ALMEIDA, Manuel Antônio de. *Memórias de um sargento de milícias*. São Paulo: Penguin Classics: Companhia das Letras, 2013.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

CANDIDO, Antonio. "O Direito à Literatura". In: *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades; Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, , 1988, p.176.

CASTRO, Ruy. *Era no tempo do rei: um romance da chegada da corte*. São Paulo: Alfaguara: Objetiva, 2007.

ECO, Umberto. *Obra Aberta: forma e indeterminações nas poéticas contemporâneas*. CUTOLO, Giovanni (trad.). São Paulo: Perspectiva, 2008.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Edição Comemorativa 70 anos. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JANCSÓ, István e PIMENTA, João Paulo G. "Peças de um mosaico (ou apontamentos para o estudo da emergência da identidade nacional brasileira)." In: MOTA, Carlos G (org.). *Viagem incompleta: a experiência brasileira 1500-2000*. São Paulo: Senac, 2000.

OLIVEIRA, Paulo Santos de. *A noiva da revolução: o romance da república de 1817*. Recife: Associação Centro Vivo Recife, 4ª edição, 2014.

PACÍFICO, Elis, *A construção de uma identidade nacional brasileira em visões estrangeiras (1808-1822)*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (USP). São Paulo, 2015.

PIMENTA, João Paulo; ATTI, César; CASTRO, Sheila Virginia; Dimambro, Nadiesda; LANNA, Beatriz Duarte; PUPO, Marina; VIEIRA, Luís Otávio. "A

Independência e uma cultura de história no Brasil”. *Revista Almanack*, Guarulhos, n.8, p.5-36, 2º sem.de 2014.

RIBEIRO, João Ubaldo. *Viva o povo brasileiro* (edição especial de 30 anos). São Paulo: Alfaguara: Objetiva, 2014.

PINTO, Júlio Pimentel. *A leitura e seus lugares*. São Paulo: Estação Liberdade, 2004

RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa – Tomo I*. CESAR, Constança Marcondes (tradução). Campinas: Papyrus, 1994.

TEIXEIRA E SOUSA, Antonio Gonsalves. *Independência do Brasil. Poema Épico em XII Cantos*, Tomo Primeiro. Rio de Janeiro: Typ. Imparcial. De Francisco de Paula Brito, 1847.

_____, *Independência do Brasil. Poema Épico em XII Cantos*, Tomo Segundo. Rio de Janeiro: Emp. Typ. Dous de Dezembro de P. Brito, 1855.

TITARA, Ladislau dos Santos. *Paraguassú: epepeia da Guerra da Independência na Bahia*. São Paulo: Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais, 1973.